

MILIONÁRIOS COMUNISTAS

Por V. O. — (NA SEGUNDA PÁGINA)

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR — SALA 922

ANO 9 — N.º 101

Rio de Janeiro, Setembro de 1955

PREÇO: Cr\$ 2,00

CAIXA POSTAL 4.588

Nova investida dos fantasmas do Vaticano

Por PEDRO BOTELHO JÚNIOR



“As conclusões da Conferência foram mantidas em sigilo. Serão enviadas ao Papa Pio XII” — Cliché e legenda publicados na revista “Manchete” do dia 27-8-955.

Os jornais diários noticiaram, uma semana após o encerramento do C. E. I., que oito cardeais, quarenta e três arcebispos e cinquenta e nove bispos, mais de cem representantes da fina flor da “Internacional Negra” se reuniram nesta Capital, para debaterem os problemas da Igreja Católica Romana, inspirados nas ordens secretas emanadas do Papa Pio XII, cuja autoridade nestes recantos do Novo Mundo é superior à dos governantes dos respectivos países.

Apesar do sigilo mantido em torno da Conferência, pois durante as reuniões que se prolongaram por uma semana, não foi permitida a presença de jornalistas bisbilhoteiros e boquirrotos, sabe-se algo do que foi tratado na citada Conferência.

Um dos pontos principais foi a adoção de providências imediatas a fim de que SEJAM MULTIPLICADOS os contingentes de sacerdotes em exercício neste hemisfério. Os escândalos que diariamente surgem à luz da publicidade estão afugentando os jovens das vocações sacerdotais e o sentimento da fé vai escasseando de maneira alarmante para os católicos. Outro dos pontos debatidos e aprovados foi a declaração de guerra, sem quartel, aos astutos e insidiosos inimigos da Igreja, como a propaganda protestante, as diversas formas de laicismo, a superstição, a macumba e o espiritismo, que se propagam mais facilmente que o catecismo mentiroso e embruteador. Um capítulo especial foi dedicado aos comunistas que apesar de terem apoiado a realização do C. E. I., não são

merecedores de confiança nem do agradecimento pela colaboração prestada. Eles acendem uma vela a Deus e outra a Satanás, conforme as circunstâncias. Não se esqueceram os “santos” varões da Conferência, de passar em revista os grupos de imigrantes que periodicamente chegam a esta parte do Continente, em busca do pão que não encontram em seus países de origem. Receiam os humanitários representantes de Cristo que essa plebe deslocada da sua terra natal, em busca de melhor situação a que tem direito, venha contaminada de idéias exóticas e procure aumentar a legião dos ateus que por aqui existem, estado a que chegaram por se haverem cansado de acreditar em Deus e em todos os Santos e de esperar melhor situação que não se opera nem por milagre, pois ainda há os que acreditam em milagres... São povos, mas existem.

Deixou de figurar na ordem do dia da Conferência, o extermínio de Satã, porque a hierarquia clerical sabe de fonte bem informada que o Diabo existe na imaginação dos padres e bispos e dele se utilizam para amedrontar os ladrões ricos e as viúvas pecadoras, que pagam bem para ganhar um bom lugar no Paraíso celestial.

Resumindo as suas conclusões, os agentes do Vaticano resolveram enviá-las ao Papa, para que o chefe da Igreja as examine e para que verifique se as suas ordens foram obedecidas religiosamente conforme mandara o figurino, por ele mesmo confeccionado.

De antemão, podemos assegurar a todos os trabalhadores que a colaboração que a Igreja promete aos governos latino-americanos é um pretexto para infiltrar-se na administração desses países e para fortalecer ainda mais o seu domínio sobre os governos e as populações, a fim de reduzi-los ao que está reduzido o Brasil: um país de recursos de toda a espécie, rico de miséria e, por contrapelo, governado por agentes do Vaticano, a maior praga que pode assolar um país.

Portanto, nunca é demais repetir, porque é uma verdade estereotipada no pensamento de todos os que ganham o pão de cada dia com o suor do seu rosto: “a obra dos trabalhadores tem de ser feita pelos próprios trabalhadores”.

Os padres e bispos devem ficar nas suas igrejas e palácios, enquanto esperam que o Diabo os carregue para o Inferno, para onde não querem ir, mesmo sabendo que não existe.

Cocoriquê!

Ao candidato Plínio Salgado

Plínio! Plínio! tu tens mais fôlego que um gato
E arrotas como um velho e fátuo garnizé.
E agora, então, com teu cartaz de candidato,
O teu cocoricô virou cocoriquê!

Na rinha, ante os bonzões, tens ares de gaiato,
De galito bisbórria a fazer rapapé,
De palhaço de feira ou janjão caricato,
A fingir-se de alguém quando nem nada éle é.

Em teu terreiro, há só galos de fancaria
E um galinheiro verde a rodear o patrão
E doído por levar outra pancadaria.

Cuidado! que o pessoal, se carrega na mão,
Te aplica, desta vez, tão alta cirurgia,
Que nunca mais serás, ó Plínio! nem capão!

JOÃO VERMELHO

TIRANIA

DO PROCESSO FERRER EM JULHO DE 1909 AO GOLPE FASCISTA DE FRANCO EM JULHO DE 1936

Por MANUEL PEREZ

Nenhum país da Europa sofreu de forma tão intensa, como a Espanha, os golpes cruéis da tirania, e, também, nenhum povo lutou pela liberdade com tanto heroísmo e entusiasmo. Deixaremos de lado as lutas do passado, entre elas a da época de Felipe II e Fernando VII, verdadeiros inquisidores, a da ditadura do famoso general Zapatero que, para sufocar a greve geral de Barcelona, em 1855, não vacilou em levar ao patíbulo mais de 20 trabalhadores, a da deposição da rainha Isabel II, em 1868, que deu origem à em fevereiro de 1873, e a rebelião dos camponeses de Jerez, denominada “La Mano Negra”, em 1895, que culminou com o sacrifício de 5 trabalhadores levados à força, por defender a liberdade.

A primeira república espanhola, que teve à sua frente, homens como Pi y Margall, um dos maiores defensores do federalismo, Emilio Castelar, o maior orador de sua época, Estanislao Figueras e Nicolas Salmeron, eminentes filósofos, não vacilou, cedendo à pressão exterior, em declarar a Primeira Internacional fora da lei.

O atentado contra Alfonso XIII e o processo de Ferrer

Em maio de 1906, Mateo Morral, num rasgo de revolta contra as torturas a que haviam sido submetidos os libertários presos no castelo de Montjich, em Barcelona, atirou uma bomba contra o carro de Alfonso XIII, no dia do seu casamento. O monarca escapou ileso e Morral, ao cair nas garras da polícia, preferiu o suicídio. Como Morral fora aluno da Escola Moderna, fundada por Ferrer Guardia, o governo reacionário da Espanha quis implicar o grande educador no atentado, para roubar-lhe a vida, o que não foi possível porque os advogados demonstraram, plenamente, a sua inocência.

Não se deu por vencida a reação e aguardou momento oportuno para exterminá-lo, o que finalmente conseguiu em julho de 1909, com os acontecimentos da chamada “Semana Trágica”.

Semana Trágica e Fuzilamento de Ferrer

Em julho de 1909, o povo de Barcelona, protestando contra o envio de tropas a Marrocos, onde, no chamado combate do Barranco do Lobo, tinham perdido a vida mais de 10.000 jovens, defendendo causa ingrata, a defesa das ricas minas da região, em sua maioria propriedade de políticos espanhóis ligados ao governo, declarou a greve geral.

A violência das autoridades, que chegou a empregar a artilharia contra os grevistas, transformou a greve em verdadeira revolução, e o povo, num rasgo de revolta, ao ser alvejado das janelas de igrejas e conventos, reagiu enérgicamente, queimando grande número destes edifícios religiosos.

Dominada a revolta a sangue e fogo, o governo de Maura e Lacierva ordenou a prisão de Francisco Ferrer Guardia, acusando-o de instigador da Greve Geral.

Mau grado ter sido demonstrada a sua inocência pelo bravo capitão Galceran, seu defensor no Conselho de Guerra, e protestos que surgiram de todos os recantos do mundo, o grande mártir da liberdade e fundador da Escola Moderna, era fuzilado junto aos muros do Castelo de Montjich, na madrugada sinistra do dia 13 de outubro de 1909. As suas últimas palavras foram as seguintes: — “Meus amigos, não choreis a minha morte, não dediqueis em glorificar os que morrem, um tempo de que necessitais para educar e orientar os que vivem.”

A Ditadura de Primo de Rivera em 1923

Houve alguns anos de relativa calma, embora sempre intercalada de greves, motins e outros movimentos de caráter social e político, e assim chegamos a 1921, quando ocorreu, no mesmo Marrocos, um acontecimento, que como em 1909 provocou indignação popular.

Por um capricho de Alfonso XIII, o seu general de confiança, Fernandez Silvestre, iniciou uma expedição, chamada punitiva, contra as tribos marroquinas, e o resultado da aventura foi fatal, pois os mouros, dirigidos pelo caudilho Abbel-Krin, devastaram as tropas espanholas na sua totalidade, exterminando 14.000 homens. Caiu o governo conservador, sendo substituídos por outro de caráter liberal, e após dois anos de agitação social e política, na noite de 13 de setembro de 1923, o general Primo de Rivera deu um golpe de Estado e derrubou o governo liberal para instaurar uma ditadura militar.

Esta ditadura durou 7 anos e terminou, em fins de 1929, pela renúncia do próprio ditador, que foi substituído, no governo, pelo também general Damaso Berenguer. No deste surgiu, em dezembro de 1930, a conspiração republicana de Jaca, chefiada pelos capitães Galan e Garcia Hernandez que partiram da referida cidade, em direção a Huesca.

Foram vencidos os bravos lutadores. O Comandante de aviação, Ramon Franco, e o famoso general Queipo de Llano, mais tarde traidores da causa republicana e auxiliares do tirano Franco, que deviam, ao ser iniciada a sublevação em Jaca, voar sobre Madrid atirando bombas contra o palácio real, foram covardes, pois, após um passeio aéreo sobre a cidade, fugiram para o exterior.

Em abril de 1931 surge a República

Depois desta tragédia, a Espanha vivia em contínua agitação social e política, agravada de tal forma, que o Rei Alfonso XIII foi obrigado a reconhecer a República.

Toda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a nossa Caixa Postal.

O BAILE PRESIDENCIAL

Foguetes, gritos e algazarra. Música, ruidos e palhaçadas. Outra vez começa a festa e se precisa de um presidente. O posto é de importância; podemos chamar-lhe o da vergonha. Parece que todos o depreciam; mas, tão depressa um se apeia, cai um tropel sobre o despojo. Não havia nenhum candidato. Hoje sobram e indiscutivelmente sobram. A luta será grande; o posto é lucrativo e guindado. Nestas boas democracias, o povo não participará no caso; eleito ele, dir-lhe-ão quem é. Em resumo: luta de partidos já nossos conhecidos: mentiras, parolagem, manobras e uma ou outra delinquência que ninguém verá.

Conclusão: política de centro, de esquerda, de direita, de parlamento e de sujeira. Enquanto isso, o povo trabalha, vive em choças, passa fome ou come mal. Essa é a verdade.

Não pretendemos ser nem juizes nem profetas. A lógica e a realidade foram sempre o reflexo de nossos atos e palavras. Sempre combatemos a política; hoje continuamos denunciando esse corrilho de apaniguados como responsáveis da trágica escuridão em que se acha o país.

Sejam benévolos. Admitamos que entre uns poucos políticos tenha havido alguma boa fé na procura de um remédio para a enfermidade social do nosso povo. Admitamos que esses remédios lhes tenham custado males, sacrifícios e a vã ilusão de chegar a um resultado. A realidade os condenou. Não somos nós apenas; é todo o povo que categoricamente acusa seus demagogos e definitivamente os classifica de incapazes em suas teorias e resultados.

Em consequência, cremos-nos no dever de associar-nos a esse sentido popular de protesto dizendo: que o país necessita de uma reforma social conforme suas exigências econômicas e os anelos de suas aspirações harmoniosas; que está farto de privações, que está farto de sofrimentos que ele considera absurdos e criminosos neste século em que a civilização, com sua ciência e técnica, postas a serviço do povo, daria para todos perfeito equilíbrio.

São sempre esses repetidos políticos, monótonos criadores de sucessivas inutilidades, que descaradamente tudo fazem para si e nada para o povo, os responsáveis do malestar coletivo. Por isso nossos permanentes esforços têm sido e serão sempre orientados na luta contra eles até seu total extermínio, alentando o obreiro, cerne da nação e centro nervoso, vital, da evolução, a organizar as forças que lhe dêem vigor para alcançar sua justa e total emancipação.

Encaremos a nação hoje. Há milhares de parasitas que nada produzem, perante milhares e milhões que se matam, sofrem e trabalham por salários de fome. A classe obreira do país chegou a perder o gosto da atividade por não lhe oferecer esta seguro e normal padrão de vida.

Fizeram perder, com suas mentiras e malogros, a esperança na menor solução, consequência trágica para o povo que busca perplexo e desorientado, o caminho do porvir.

Nosso dever de anarquistas é o de reanimar esses espíritos, orientá-los na realidade. Queremos que reajam contra suas misérias, que se atrevam a destruir esses sofrimentos provocados pela atual iniquidade social, que firmem a segurança do amanhã, o bem estar em toda sua extensão, dentro das possibilidades sociais determinadas pelas massas produtoras e pensantes do país.

Queremos que o povo do Brasil e os povos do mundo inteiro recuperem a confiança na eficácia de sua força, sua luta e seu poder, desenvolvendo nesta martirizada geração, o espírito revolucionário agressivo de que necessita sua defesa.

Nossos interesses são contrários aos do capitalismo; não podemos crer nem confiar em sua política; nossa única salvação assenta na ação direta, ação que poremos em prática nobremente, sem maldade alguma, amparados na aprovação de todos os párias.

Em nossa luta é sempre construtivo o plano; nossas forças se orientam para a realidade hoje consideradas utópicas, mas que não de ser, um dia, o comunismo libertário. Se, em nosso progresso, forças egoístas, anti-humanas se nos opuserem, teremos, com pesar, mas indiscutivelmente, de as varrer.

Rude para o povo é a situação presente. Temos de refletir. Combata cada qual com a pena, a palavra, a ação. Combata a política, combata o Estado, a guerra, a religião. Ataque a exploração para que os transviados na luta, os vacilantes nas idéias e os ansiosos de melhor futuro despertem e contribuam com seu labor.

(Conclui na 3.ª página)

NÃO DEVES IGNORAR

Que o catolicismo queimou 22 milhões de seres humanos, homens, mulheres, crianças, durante o reinado da Santa Inquisição.

Que o papa Alexandre Bórgia teve, no próprio Vaticano, várias favoritas, relações incestuosas com sua filha Lucrécia e assassinou seus adversários com sutilíssimos venenos.

Que o catolicismo castrava menores o século XIX com o fim de conseguir soprano destinados à Capela Sixtina.

Que hoje, ao passo que os povos vivem em choças, o papa, em Roma, tem à sua disposição, no Vaticano, mais de 11.000 aposentos.

Crônica Literária FANTASIA E REALIDADE

Por JOSÉ OITICICA

Por CRISTOBAL GARCIA

(Especial para AÇÃO DIRETA)

PEDRO CATALLO — Uma mulher diferente, pega em 3 atos.

Nosso companheiro Pedro Catallo, autodidata, sapateiro de profissão, se fosse incriminado por Apêles com o ne sutor ultra crepidam (não vá o sapateiro além das chinelas) ou por algum dos nossos convencidos dramaturgos com o dito português: quem te ensinou sapateiro a tocar rabeca? (rabeca em linguagem fina é violoncelo), poderia a todos responder: "Subo, legitimamente, muito acima das alpacas e, comigo mesmo, só com o meu talento, consegui fazer mais e melhor, no rabeca das letras, que muito empenhado doutorelho, autor de peças piñias, premiadas a cinquenta contos e representadas por companhias oficiais, com atores de primeira água.

Uma mulher diferente, agora publicada, já tem uns dez anos de escrita e, creio eu, representada em S. Paulo. Desde muito, escreve Catallo para o teatro pois figuram, entre seus trabalhos: A Insensata, drama social em três atos; O Herói e o viandante, em um ato, onde o autor combate a monstruosidade da guerra; A Madrid, um ato de exaltação dos milicianos antifascistas na guerra contra Franco; O coração é um labirinto, drama psicológico. Traduziu ainda Catallo duas peças de Floréncia Sanchez: Os mortos e Nossos filhos.

Catallo aprendeu consigo mesmo a língua, a técnica da composição teatral e a técnica da direção, porquanto ele mesmo é montador, ensaiador, reatista, contrarregra e não sei se ator. Essa capacidade múltipla é notável. Catallo nunca teve curso ginásial e muito menos superior; entretanto, escreve, se não corretamente, pelo menos melhor que muitos literatos polpudos e até gente da Academia de Letras.

Demais, Catallo, anarquista militante, possui o que a outros carcece: idéias!

A concepção anárquica lhe é fonte preciosa de crítica social veemente; mas, a crítica seria estéril se não lhe viesse a par a proposição do eficaz remédio.

Num antelóquio aos leitores assim se expressa Catallo: "A escolha deste tema deve-se ao fato de crermos que o teatro deve responder a uma finalidade humana e instrutiva, sem acomodações sociais e sem preconceitos de espécie alguma". E a finalidade, segundo Tolstói, de toda arte, concepção exata realmente se não a levamos ao exaégo do grande anarquista russo. Arte é sobretudo beleza e a beleza se encontra em todos os ramos da atividade humana inclusive na arte pela arte contra a qual se batia ferozmente Tolstói.

O tema escolhido por Catallo é o depressivo preconceito da virgindade. Sua mira está condensada nesta frase: "Pensamos que a mulher que, por qualquer circunstância, seja obrigada a entregar sua virgindade, não deve considerar-se inferior ao seu estado primitivo".

Esse preconceito, muito mais atroz do que se possa, à primeira vista, supor, nos países onde prepondera a triste moral católica, desapareceu totalmente nos países de raça anglo-germânica ou escandinava. Nesses países, raras são as virgens após os dezesseis anos e até uma cançoneta hamburguesa, enaltece o fato com muita graça. Os versos, com música, louvam a linda Hamburga e sobretudo suas formosas mocas; todavia, entre estas, nenhuma douzela

aber keine Jungfrau mehr

A jovem, segundo Catallo, "deve capacitar-se e persuadir-se de que seus dotes físicos e morais continuam intactos e não deve eximir-se da luta social para a conquista de uma vida digna e honesta".

Esse pensamento latamente moral, desenvolve-o Catallo numa excelente comédia, bem concebida, bem travada e de pungente desfecho.

A heroína, a que superou o preconceito e sacrificou sua virgindade para libertar o pai, é Elena, figura de relevante caráter, alma puríssima, senhora de si, dominante pela inteligência e pela decisão consciente.

O pai, Tomás, operário de um rico industrial, Ricardo, deveria ser afastado

de casa, metido numa cadeia, para que o rico lhe pudesse conquistar a filha.

Prêso como ladrão por injames manobras de Gregório, espoleta de Ricardo, recolheu-se Elena a casa de Ludovico, professor de piano, mas Ricardo a foi arrancar de lá, exigindo-lhe amor em troca da liberdade paterna.

Elena não titubeia e, embora lhe repugne fortemente o pacto, aceita-o.

Dessa união forçada vem um filho; mas Elena vê-se obrigada a sair da companhia de Ludovico e da do próprio pai cujos preconceitos não toleram a filha maculada. Porém Tomás, egresso da cadeia com a pecha de ladrão, é por todos os fabricantes repellido. Sua fé de ofício tem aquela nódoa e a nódoa veda-lhe a entrada nas empresas honestas. Resultado: a mãe abjeta miséria.

Elena, para viver, entra como datilógrafa numa maternidade. Tais são seus dotes, envergadura moral e capacidade educativa, que vai galgando postos até ser nomeada diretora de uma seção apenas à maternidade, a dos meninos pobres abandonados. Seu filho cresceu entre os abandonados pois ela de todos cuida.

Tendo sido o ato de nomeação publicado nos jornais, com lowcores, Ricardo ocorre à maternidade a rever Elena, mas esta o repele indignada. Sabendo que tem um filho de Elena, ameaça-a com a justiça; ela, porém, desafia-o a provar qual daquelas crianças é seu filho.

O heroísmo de Elena sobreleva quando o médico da maternidade por ela apaixonado e por ela amado, lhe pro-

põe casamento. Elena repele tal proposta.

A surpresa do médico, Elena respondeu: "Porque o matrimônio destrói a candidez e a beleza que envolve as almas que se querem bem. O matrimônio confunde o amor com a cozinha, as conchas com o idílio, as premissas grosseiras da vida com a ternura sequeiros dos sentimentos tornando tudo banal e sem encantos."

A uma pergunta do médico de se ela é contra a família, responde convencida Elena que não é contra a família mas contra o matrimônio, coisa muito diversa, pois no matrimônio, contrato, desaparece a cooperação, surge o espírito de domínio não se mantém o respeito, destruído pela indiferença.

Catallo opõe, assim, o encanto da família natural, de preferência sem vida em comum, à família jurídica, contratual, legalizada pelo juiz ou abençoada pelo padre. A família moral, honesta, verdadeiramente digna existe enquanto existe amor. Desaparecido este, passa a imoral convivência obrigatória, com peso de grilhões e sufocamento de jaula.

É esse o conceito anarquista agora condensado em Uma mulher diferente.

Os tipos de Gregório e Valeriana borrijam o drama de episódios cômicos de grande fínura e o episódio final, a cena muda em que o velho Tomás, reduzido à mendicância, acorre à maternidade para tentar ver a filha e o netinho é de grande emoção.

Desejariamos assistir à peça representada por bons artistas e vê-la expungida de um que outro deslize de linguagem.

TIRANIA

(Conclusão da 1ª página)

tabelecer a vida constitucional, entregando a chefia do governo ao almirante Aznar, o qual convocou eleições municipais para o dia 12 de abril de 1931. Nestas eleições, o governo foi totalmente derrotado e o monarca fugiu para a França. No dia 14, era proclamada a república, sendo nomeado chefe do seu primeiro governo, o Sr. Alcalá Zamora, monarquista e ex-ministro da guerra de Alfonso XIII, e ministro do interior, Miguel Maura, também reacionário e filho de Antonio Maura, assassino de Ferrer. A república estava em poder dos monarquistas, o regime mudara apenas de nome!

Tudo continuou como antes: os generais da monarquia, a Guarda Civil, corpo pretoriano de Alfonso XIII, nenhuma modificação nas repartições públicas, para finalmente, após as eleições de 1933, triunfarem, nas eleições, os elementos reacionários de Lerroux e Gil Robles.

Estes personagens funestos formaram governo, e a C.N.T. em dezembro desse mesmo ano, organizou um movimento revolucionário, que infelizmente não triunfou, mau grado o heroísmo dos seus homens, porque o mesmo não foi secundado em todo o país.

Revolução de Astúrias, 6 de outubro de 1934

A obra reacionária de Lerroux e Gil Robles, aumentou em toda a Espanha, e na região asturiana, a C.N.T., libertária, e a U.G.T., socialista — fizeram uma aliança proletária para opor-se à reação, sob a legenda U.H.P. "Unidos Hermanos Proletários", e esta união havia de culminar no movimento revolucionário de Astúrias, que rebentou na madrugada do dia 6 de outubro de 1934.

O movimento de Astúrias foi uma verdadeira epopéia! Quase toda a região foi dominada pelos revolucionários e as ricas minas, entre elas as da Duro Felguera ocupadas e administradas pelos comitês de ambas as organizações, a C.N.T. e a U.G.T.. Simultaneamente devia surgir um movimento revolucionário em Barcelona, no qual estavam complicados os republicanos, tendo à sua frente o Sr. Azafia, os catalanistas com Luiz Com-

panys, e elementos socialistas. De forma desleal e incompreensível, dias antes do movimento, os elementos mais destacados da C.N.T. eram presos para evitar que os mesmos pudessem dar caráter social à revolução, em caso de triunfo.

Sem apoio popular, já que o proletariado em sua maioria pertencia a C.N.T., Azafia e seus auxiliares renderam-se covardemente, dando azo ao Governo de Lerroux, de empregar todos os seus recursos para vencer a heroica resistência de Astúrias.

Epica foi a resistência dos bravos asturianos, pois o governo enviou aviação, tropas de Legião Estrangeira e, o que é mais infame, mouros mercenários de Marrocos.

Vencida pela força bruta, que foi auxiliada na sua obra pela covardia dos políticos de Barcelona, a revolução de Astúrias uniu para sempre, nas lutas sociais, como verdadeiros irmãos, os homens da C.N.T. e da U.G.T., união esta que havia de ser um baluarte de resistência durante a guerra de 1936 a 1939.

República sem sangue...

Recordo que, dias após a proclamação da república, um político afirmou com orgulho — "A república foi proclamada sem que fosse derramada uma única gota de sangue" — ao que respondeu um militante da C.N.T., com as seguintes palavras: — "Esta foi a sua maior desgraça, mais tarde, o sangue generoso do povo correrá em profusão pelas terras generosas da Espanha".

E assim aconteceu, os republicanos, longe de destruírem a organização reacionária da monarquia, tendo logo no início os socialistas nos postos principais do governo, dedicaram as suas atividades, em combater e destruir a C.N.T. cujos homens lutaram com heroísmo sem igual para a derrocada total da monarquia.

Não devo falar, nesta crônica, da revolução de julho de 1936, já amplamente divulgada em todo o mundo e da qual tratei no número anterior de Ação Direta. Desejo apenas, que a lição da Espanha seja aproveitada por todos os povos do mundo, principalmente pelos trabalhadores, certo como estou, de que não está longe o triunfo final da causa do proletariado, que é a causa da liberdade e da justiça...

Milionários Soviéticos

Por V. O.

(traduzido do Nóvoie Rúskoie Slovo de 31 de agosto de 1954)

occidental, ultrapassa a mais violenta imaginação. A família de Utiósov nada, literalmente, em ouro.

Utiósov possui um palacete em Moscou, algumas vilas suburbanas com os últimos progressos do conforto moderno e requintadas instalações. No palacete de Moscou e nas casas de campo suburbanas, acumulavam-se preciosos gobelinos, quadros de famosos mestres, raríssimos tapetes persas e caríssimos móveis antigos.

Serve a família de Utiósov uma chusma de seis criados. Os lacaios andam de libré; as empregadas usam touca na cabeça. Por seus concertos, Utiósov percebe astronômicos honorários e imensas percentagens na venda de suas obras musicais e discos gravados.

Outro notável representante dos milionários soviéticos, entre os trabalhadores artistas é o rei do cinema soviético Jorge Alexandrov.

O cidadão soviético vaga idéia tem dos lucros, vida e riqueza desse indivíduo que representa a União Soviética no festival internacional de Canes.

A riqueza de Alexandrov supera muitas vezes a riqueza mesma de Utiósov. Ganha quantias monstruosas. De cada sessão de um filme seu, percebe Alexandrov cinco por cento de direitos e, além disso, paga-se-lhe percentagem de cada representação de filmes soviéticos nos países satélites da União Soviética. Os lucros diários desse artista do povo alcança de 20 a 25 mil rublos. Isso quer dizer que Alexandrov ganha, por hora, mil rublos.

Compreende-se bem, por isso, que o próprio Alexandrov não tenha exata idéia da sua fortuna. Alexandrov possui um palacete no centro da cidade, uma vila no bairro onde vive a maioria dos artistas, uma casa de verão atrás de Moscou e uma vila es-

Quando contemplamos o caminho percorrido pela U. R. S. S. desde o ano de 1917-18, data em que o povo russo deu à breca o Império Tzarista e a aristocracia branca, horrorizamo-nos de uma obra realizada estérilmente. O sacrifício feito, o sangue derramado inutilmente em prol da liberdade, a ditadura descarada, despótica e criminosa, chamada pomposamente do proletariado e de um partido comunista contra a liberdade de um povo que sofreu os emaltes e tropelias do tzarismo, ontem com Stalin e hoje com as acometidas selvagens do malenkovismo, não levaram o povo russo, em suma, a outra coisa que a mudar as figuras decorativas de seus próprios exploradores.

A U. R. S. S. fez uma revolução para acabar com a miséria de muitos e privilégios de poucos; reduziu o número de privilegiados mas aumentou a percentagem dos miseráveis para colocar no poder a uns senhores que, se foram proletários, ao que dizem, deixaram automaticamente de o ser.

Ali não existe a mais elemental partícula de liberdade, a julgar pelo que dizem os que tiveram a sorte de escapar daquele inferno. O homem vive lá sujeito e constrangido pelo aparelho estatal. Não há livre expressão do pensamento, a greve é punida com pena de morte; trabalha-se em condições de verdadeira escravidão; os direitos fundamentais do Homem, que os homens da Revolução Francesa deixaram escritos com letras indeleveis, sobressaem pela ausência; o militarismo e a polícia são os verdadeiros amos, das vidas e bens; na realidade, o povo russo respira um clima de tirania e opressão apesar do que possa dizer o rádio de Moscou, sua imprensa, seus agentes provocadores. O sonho dourado de todos os tzars, a ambição de todos os escravizadores está encarnado na grotesca figura de um regime dito comunista, que cobra o privilégio e resolve seus problemas com a G. P. U., campos de concentração ou piquetes de execução.

O atual Comunismo de Estado nada tem de comunismo; tem dele apenas o nome. Tem tudo de Estado e do pior dos Estados, do Estado absoluto e totalitário.

Não há maior insulto para os trabalhadores, internacionalmente, maiores mas grosseiras, que as efetuadas sem cessar pelos partidários desse regime trágico com o qual o povo russo crendo obter sua liberdade, adquiriu a mais abjeta escravidão.

De nada pois lhe serviu seu esforço e sacrifício com rios de sangue. A evolução prometida foi uma evolução retrógrada, o inverso da que esperavam e queriam o proletariado universal e o povo russo, que acabou com o grande império tzarista.

Pobres obreiros, pobres proletários, os que, em muitos países jogam inconscientemente as vidas por um objetivo e ac suporem-no logrado maldizem da vida. Com isso o que conseguem os comunistas é semente a confusão para turvar em águas claras da luta social contra o capitalismo e o Estado.

Pensam os comunistas de novo cunho que a auréola conquistada com a vitória do exército russo a devem aproveitar para semente confusão entre os trabalhadores e os não trabalhadores, com o Papão Comunista, para assim criar adeptos e formar, com toda sorte de partidos e organizações dispersas, um grande partido comunista cujas molas principais são dirigidas pela mentalidade mediocre de uns senhores antigos burgueses de toga e espada, colaborando às ordens da grande burguesia do alto banco e da bolsa.

No Comunismo nos incluem a nós, anarquistas, aos homens da C. N. T. e aos mais que o combatemos e dizemos as verdades, em todos os países, ao papão comunista e mais os que o fazemos sem com eles colaborar nem direta, nem indiretamente pois o capitalismo e a burguesia bem sabem quem são os seus inimigos e conhecem igualmente os que para eles são os piores. Por sorte ou desgraça, longos anos de luta social nos têm ensinado e não devemos desaprovar a lição.

Nós, anarquistas, somos comunistas libertários ou socialistas libertários e não renunciamos a nada do que ideologicamente encerra em si essa bela idéia ácrata; mas como o comunismo de Estado, sem a liberdade, não é solução alguma aceitável, o problema que nos formula o amanhã revolucionário não o podemos aceitar com todas as suas conseqüências se não estiver ligado reciprocamente com a liberdade de cada um e de todos.

E, para que não haja confusões, nós, anarquistas e os homens libertários da C. N. T. não somos partidários de um comunismo de Estado onde não é possível viver em perfeita comunidade desde que nele, contraditoriamente, voltam a criar-se novas castas e o problema subsiste, porque os interesses do mesmo são antagonísticos aos dos trabalhadores. Somos partidários de um comunismo libertário em que os trabalhadores, com seus próprios e exclusivos meios, organizam a economia do país de acordo com as necessidades de cada qual e do conjunto, diretamente, sem intermediários de nenhuma espécie; em que, em suma, eles próprios se responsabilizam pela produção e distribuição, sem necessidade de Estado, partidos políticos, nem organismos de repressão seja qual for. Isso é o que, na realidade, queremos, para nós e para todos os seres humanos sem distinção de raça ou de cor.

A monstruosidade a que chamaram e chamam comunismo de Estado nada tem que ver com o que é, de verdade, o comunismo libertário.

"RESPIGOS" de Cuadernos del Congreso por la libertad de la cultura

De ALEX DORMONT

O orçamento soviético dá-nos uma imagem condensada da economia do país. Toda a economia se acha estafada com exceção de um pequeníssimo setor da agricultura e do artesanato, e, assim, o orçamento representa, praticamente, a distribuição de toda a renda nacional e, apesar disso, está todo ele consignado em pequena folha de papel, que, unicamente, contém cifras globais. Não existe controle, público, nem da sua execução, nem do destino ou aplicação real das quantias que figuram nos distintos capítulos de despesas.

O interesse, pois, dos orçamentos da U. R. S. S. não está no que expressam, mas no que omitem e nas modificações, que os dirigentes creem convir fazer neles aparecer cada ano.

De feço, desde 1929 — a partir do primeiro plano quinquenal — os povos russos, andrajosos e mortos de fome, constroem uma poderosa indústria pesada, uma indústria de guerra extraordinária.

A comunicação desta mudança foi confirmada por Malenkov, a 8 de agosto de 1953, durante os debates, muito tardios, sobre o orçamento:

"Até aqui não temos tido a possibilidade de desenvolver a indústria ligeira e alimentícia com o mesmo ritmo que a indústria pesada. Agora podemos, e, por conseguinte, devemos, para levar a cabo uma elevação mais rápida do nível de vida cultural e material do povo, forçar, quanto nos seja possível, o desenvolvimento da indústria ligeira."

1. Na União Soviética onde não há lugar para capitalistas, há, não obstante, 1.270 milionários. 39 por cento desses milionários são construtores, técnicos e engenheiros; 31 por cento enquadram-se entre os artistas, cientistas e escritores; 24 por cento na parte dos funcionários do partido e dos altos funcionários do governo; 4 por cento na parte dos esportistas e, finalmente, 2 por cento na parte dos militares.

2. Entre os milionários artistas, o primeiro lugar ocupa talvez o rei do jazz soviético, o artista popular Leónid Utiósov. Um recital de Utiósov reúne, em toda parte, salas cheias, esgotadas. Ele é o mais popular artista da União Soviética e seus haveres particulares calculam-se em milhões de rublos.

Utiósov começou sua carreira com execução de canções populares. Depois, gravou alguns discos que obtiveram retumbante êxito popular. Com esses discos, começou a riqueza de Utiósov. Músico talentoso, ele criou sua orquestra de jazz e fez com ela triunfal excursão no território de toda a União Soviética. Utiósov era acompanhado por sua filha Judit, cantora. Antes de cada número executado pela filha, Utiósov, querendo sublinhar sua imensa riqueza, dirigia ao público uma e sempre a mesma pergunta:

— Caros amigos! que salário acham vocês que pago a minha filha, mensalmente, por seus concertos?

A essa pergunta de praxe faziam-se ouvir os mesmos gritos: 400 rublos; 500 rublos; talvez mil.

— Estais errados! companheiros, inteiramente errados. Judit ganha de mim, por mês, 17.000 rublos e, às vezes, mais. É verdade que ela, há pouco, se casou com um perito arquiteto de Moscou. Quanto supondes que ganha esse arquiteto?

Exclamações do público:

— Mil! dois mil! sete mil rublos!

Utiósov sacode tristemente a cabeça e diz:

— Mil e duzentos rublos! Sómente mil e duzentos rublos. Mas, isso compreende-se, ele não é mais que cientista.

Aquêles que conhecem Utiósov ou o encontram nas ruas de Moscou acompanhada da esposa e da filha sabem que o rei do jazz não exagerava. Nenhum mortal dar-se o luxo, nem tem possibilidade, de adquirir as peles, as roupas e preciosidades trazidas pela mulher e pela filha de Utiósov. O teor de vida dessa família,

Bau Velho

AÇÃO DIRETA resolveu abrir um cantinho para transcrição de escritos antigos, de primeira ordem, quase de todo perdidos em antigas revistas e jornais. Nosso companheiro José Romero trouxe-nos para esta secção os seguintes recortes e notas:

FÁBULAS E PARABOLAS

Com o furor e a habilidade que os caracteriza, entregavam-se dois selvagens a um espécie de jogo de dados, um pouco diferente do nosso. Via-os jogar um europeu que aplaudia calorosamente, sempre que um deles fazia bons pontos: — Bravo! Sol Brilhante! — Muito bem! Serpente Negra! (sinais representados pela tatuagem que cobria o corpo dos selvagens). Apenas o mais hábil ganhou a partida, disse ao europeu que tanto o animara com seus aplausos e ovações: — Cara pálida! sou eu quem terá o prazer de te comer... Quando o povo aplaude os discursos de os políticos profissionais declamam no parlamento ou na praça pública, representa o papel do europeu, enquanto era jogado pelos canibais.

O CAVADOR

CAVA, CAVA, CAVADOR,
A TERRA QUE NÃO É TUA!
ENRIQUECE O TEU SENHOR
REVESTINDO A TERRA NUA
DE SEMENTEIRA SEM FLOR.

TODO O SANGUE QUE HÁS PERDIDO,
SANGUE RUBRO COMO A AURORA,
VIRÁ NELAS RESSURGIDO...

QUEM SABE SE A ESTA HORA,
HAVERÁ EM TUA CASA
UM PAO NA ARCA E UMA BRASA
NA LAREIRA TRISTE E FRIA?

MAS, QUE IMPORTA UMA AGONIA
UMA LÁGRIMA, UMA DOR,
DA GENTE FAMINTA E NUA?

CAVA, CAVA, O CAVADOR,
A TERRA QUE NÃO É TUA!

Benoit Malon

LUIZ CEBOLA.

De jornal anarquista "Liberdade!", do Rio, 8-1909 (editado pelo incansável companheiro italiano Pietro Matera)

VULGARIZAÇÕES

O mundo é muito cruel para consigo mesmo. Nada existe sobre ele de que possa dizer-se: isto é bom; entretanto, tem havido muitas vítimas, porque o homem acreditou que os princípios que elas propagaram eram maus. Que ser humano poderá dizer a outro que o que propaga é o mais justo? Nenhum; entretanto tem havido muitos mártires, por crer-se que o que eles concebiam era injusto.

Este, ao nascer, é como o fez a Natureza; ao morrer, como o há feito a sociedade em que viveu. Por isso, nós que aspiramos a outro modo de ser do homem, combatemos a sociedade atual para modificá-la.

O progresso é a causa de uma revolução permanente nos cérebros, cujos efeitos são a transformação da sociedade.

Os primeiros séculos da vida humana estão envolvidos no mistério; porém, em meio desta incerteza histórica, em meio do escuro horizonte do tempo, brilha um astro radiante como o sol no horizonte do mundo.

Esse astro é Espártaco, aquele que quebra as cadeias da sua escravidão e corre a emancipar os seus irmãos. Desde então a classe excluída de toda a participação nos direitos da cidade (o povo escravo) entra em vida nova. E desde então, também, a escravidão há passado por todos os estados potenciais do desenvolvimento da civilização.

A purificação é o movimento contínuo da humanidade. Assim, pois, se o cérebro humano concebe uma idéia que não seja filha da progressiva lei natural, sua perseguição, além de ser estéril, é ridícula, porque ridículo é combater um princípio que jamais se poderia pôr em prática. Se, pelo contrário, esta é engendrada pelo progresso e, como tal, é uma reforma que há de harmonizar alguma cousa para o bem estar humano, sua perseguição, além de ser ridícula, é infame, porque infame é perseguir uma idéia que tenha por objeto completar a felicidade humana.

Foi lei natural, isto é, progresso, a passada revolução política, como será lei natural a futura revolução econômica.

Nossas tendências convergem a um ponto: a revolução. Inútil congregar forças, opor obstáculos, amontoar contratempos.

Produtos do progresso, com o progresso estamos; em consequência, filhos da revolução, a ela vamos.

Olhar o mundo pelo cume do ideal, não é revolucionário; para ele é necessário agir e, para agir, é mister buscar os nervos da multidão.

Os males da sociedade são muitos; arrancá-los pela raiz o mais breve possível deve ser nossa missão de revolucionários. Criticar a obra dos outros não é obrar, é destruir sem edificar, e necessitamos, sobre as ruínas do mundo velho, construir outro para que as gerações futuras possam gozar o que a presente haja elaborado.

Devemos estimar por igual a obra do que revoluciona com a palavra, e a do que revoluciona com a pena, a do que revoluciona com o fato. Porém, devemos observar ainda que, se cada homem é um soberano do seu eu, nem há de procurar subjugá-lo, nem ser subjugado, nem há de pretender ser superior a outro, nem crer-se inferior a ninguém. Na revolução, todos os fatores são importantes, tanto o que concebe o plano como o que o executa. Os teóricos são bons com suas teorias e os práticos são bons com suas práticas. A questão principal é agir.

O homem que, por fas ou por nefas, com condições para agir deixa de fazê-lo e se encerra no ostracismo, não ama o progresso, não ama a liberdade, não ama a revolução; é só um escravo de suas paixões.

A vida é lutar, contínuo batalhar de paixões encontradas, furacão revólto de sentimentos diversos, voraz incêndio que transforma os objetos, plácida luzidez do cérebro, formosa perspectiva do porvir; a vida é uma luta, e lutar é viver.

Vivamos, pois; lutemos, pois, que é mister o estorço de todos para derrubar esta sociedade caduca, soberba e ruim que nos envolve.

SOLEDAD GUSTAVO

(Do suplemento da Revista Blanca).
Extraído do n.º 6 de "O Protesto", de 4 de fevereiro de 1900, (segundo jornal anarquista publicado no Rio de Janeiro)

Soledad Gustavo é o pseudônimo de Tereza Mañé, esposa de Federico Urales, pseudônimo de Juan Montseny, pai de Federica Montseny.

Soledad e Urales iniciaram, em agosto de 1898, a publicação da Revista Blanca, de sociologia, ciência, literatura e arte e em maio de 1899, a de um suplemento que, se a memória não falha, em fins de 1901 foi transformado no jornal "Tierra y Libertad" por eles editados durante vários anos.

LIBERDADE!...

(do Brasil Operário)

DE TOMBO EM TOMBO, A RASTEJAR NA LAMA,
MANIETADA NA IDEIA E DE ALMA BAÇA,
A HUMANIDADE VIVE, GEME E PASSA,
COMO SE O MUNDO ARDESSE EM RUBRA CHAMA!...

CLAMA A JUSTIÇA... E A DOR BEM ALTO CLAMA...
CHORA A MISÉRIA, NUA, EM PLENA PRAÇA...
E AO FIM, COMO JESUS, A NEGRA TAÇA
DA AMARGURA PÔE TERMO NESTE DRAMA!...

E O POVO? É O TRISTE E HUMÍLIMO MESSIAS,
ACORRENTADO À LEI DA INIQUIDADE,
SEM REVOLTA, NEM QUEIXA ÀS JUDIARIAS!

COMO ÊLE, AOS OMBROS, COM SERENIDADE,
LEVA AO CALVÁRIO A CRUZ, EM NOSSOS DIAS,
ONDE EXPIRA BRADANDO: LIBERDADE!...
2-12-1903

CONSTANTINO PACHECO

Do jornal "Brasil Operário", 1.ª quinzena de dezembro de 1903. Capital Federal.

Constantino Pacheco era operário tipógrafo; nasceu em Portugal e viveu durante mais de quarenta anos no Rio; cultivava a poesia.



**O PARA-RAIOS NA IGRAJA
VEM DEMONSTRAR AOS ATEUS,
QUE O PADRE RECORRE À CIÊNCIA
PORQUE DUVIDA DE DEUS.**

Publicada no velho jornal — "O Povo", de Funchal

A RESISTÊNCIA NA ESPANHA

Há pouco, publicaram jornais burgueses, a prisão, na Espanha, de seis homens e duas mulheres, em virtude de propaganda subversiva, de tendência anarquista.

Achara-se o local onde se editavam, clandestinamente, os jornais: — "Solidariedade Obreira" e "C.N.T."

Os detidos declararam que editavam os jornais, e que os distribuíam há vários meses.

A polícia descobriu apenas dois focos da fogueira que arde por debaixo das cinzas da opressão. Muito terá ainda que procurar. A fibra daquela gente que luta lá foi temperada no fogo da guerra civil e dificilmente será destruída pela malta de mercenários que, à voz de um tirano, traz um povo escravizado.

A Espanha é para os seus homens dignos, para aqueles que não querem viver como escravos, nem serem conduzidos como imbecis ou cretinos, um país ocupado! Eles são a sua resistência! E não nos consta que, mais amanhã, uma resistência não lance contra a terra a humilhante opressão.

O número de "Solidariedade Obreira", apreendido, era da segunda quinzena de abril e discorria assim sobre o Primeiro de Maio:

"Aproxima-se o 1.º de maio e os trabalhadores espanhóis continuamos a luta contra o fascismo e o capitalismo, contra a escravidão e a tirania...

Sessenta e nove anos faz que os mártires de Chicago, com o seu heroísmo, conseguiram reduzir o dia de trabalho, a oito horas. E não estamos dispostos a que se esqueça o seu sacrifício. Não permitiremos que o governo franco-falangista semeie mais mentiras, cometa mais assassínios, espalhe mais terra...

Na Espanha, o trabalhador será respeitado custe o que custar. Para o bem-estar de todos os povos é imprescindível, necessário que a Espanha seja libertada do monstro Franco. Porque Franco é o caminho direto da guerra, é o maior perigo contra o equilíbrio mundial, é o mais firme aliado dos totalitarismos, é o suporte mais seguro da escravidão...

Trabalhadores catalães! Trabalhadores catalães! Proletários espanhóis! Solidariedade consciente, efetiva, responsável contra o ludíbrio dos governantes espanhóis; não palavras e declarações ócas, sem sentido, sem tom, nem som.

A Confederação Nacional do Trabalho segue fielmente a obra do 1.º de maio. Não arredará, nem arreará bandeira. Sobranceira, desafia a Franco e sequazes".

Assim atuam efetiva, consciente e desassombadamente, estes militantes da renovação social, bravos companheiros daqueles que se acham espalhados pelo exílio e que há quase vinte anos só foram derrotados, porque tiveram contra si o retraimento calculado das grandes potências, as tropas italianas e alemãs, a indiferença do proletariado internacional e a traição do Partido Comunista.

"Grande é a verdade e a verdade prevalecerá!"

S. P.

DE TÓDAS AS PARTES

1. Demência humana. Uma comissão médica japonesa, designada para estudar os efeitos rádio-ativos, produzidos pelas consequências da explosão atômica de Nagasaki, em agosto de 1945, depois de um exame em 30.150 crianças, acaba de publicar as seguintes conclusões:

criaturas anormais	4.282
abortos	183
nati-mortos	181
sistema ósseo e nervoso deficientes	1.040
órgãos de audição e olfato deficientes	429
oem lábios e linguas defeituosos	254
com deformação em órgãos internos	243
cérebro deficiente	47
mudas	59
sem olhos e sem órbitas	8
sem cérebro	25

Alarmante e brutal resultado da civilização que sai da Casa Branca, que sai do Kremlin e que o Vaticano abençoa.

O BAILE

(Conclusão)

Chegará sem dúvida alguma esse esperado amanhã, dia ditoso para os homens, para os povos, para a humanidade, dia em que tremerão somente os políticos, os exploradores, os ociosos, os especuladores e os verdugos, dia em que veremos, pelo procedimento de cada um, pelo trabalho e pelos atos onde se acham os grandes e onde a razão está.

Somos íntegros; apraz-nos a realidade. Nossa linguagem não contém mentiras de politicistas, nem rufanadas de partidos. É o reflexo simples e limpo da verdade.

Por ela avisamos o que ninguém deve ignorar. Não somos grupos de homens isolados, numa aventura de luta rude. Somos algo mais. O deslavado capitalismo com suas demências de exploração colocou atrás de nós massas populares que sentem e interpretam nossos sentimentos, massas populares que, oferecendo-se a ação, não esperam ser chamadas duas vezes, massas populares oprimidas mas em permanente revolta contra o império do capital, dos seus crimes, das suas mentiras, massas que ansiosas esperam o empurrão que as ponha em movimento, resolvidas a destruir os obstáculos que a reação edifica e edifica no caminho da Revolução.

Nemo

AMOR SALGUERO



VÍTIMA DA DESUMANIDADE DE UM MÉDICO CATÓLICO, APOSTÓLICO, ROMANO!

Noticiamos, no número anterior, o passamento de nosso querido e saudoso companheiro Amor, em S. Paulo, e prometemos, para este número, assinalar algumas circunstâncias do fato com o indispensável comentário.

De uma carta remetida de S. Paulo sabemos que Amor sofria, desde muito, de uma úlcera no estômago, moléstia que se agravou muito nos últimos tempos. Tão insuportáveis lhe eram os padecimentos, que Amor resolveu operar-se embora a isso alguns amigos, Pedro Catalo entre outros, se opusessem insistindo com ele em persistir no tratamento e citando casos conhecidos de cura. Amor, porém, se decidiu à operação, o que foi feito por um médico do Sindicato dos Sapateiros, o dr. William Taglianeto.

Uma semana depois de operado, já para sair do hospital, teve súbita recaída. Chamaram imediatamente o médico operador. Respondeu que não era nada; eram gases, cousa comum em tais operações; demais, não lhe cabia plantar-se à cabeceira dos doentes.

Agravando-se, porém, o estado de Amor, avisaram disso a Pedro Catalo que, sem perda de tempo, correu ao consultório do operador Taglianeto e o levou a ver o doente, lá chegando, no entanto, mais de 24 horas depois da grave recaída.

O médico reconheceu logo a gravidade do caso. Houvera trombose e o resultado seria fatal. Pediu o concurso de outro médico; este confirmou o triste diagnóstico.

Diz a carta: "Aí começou o mais doloroso e revoltante de tudo isso. O Amor foi completamente abandonado no hospital, sem assistência, sem curativos, sem mais nada. É impossível descrever aqui o sofrimento daquele homem revirando-se na cama, atacado de terribes dores. E nós, ali no hospital, assistindo ao triste e pungente espetáculo sem nada poder fazer pelo nosso querido doente."

Conta mais o missivista que, numa das manhãs seguintes, chegando o dr. Taglianeto ao hospital e sabendo vivo Amor, perguntou espantado: "Como! Ainda vive esse homem?"

Ante esse descaso, Pedro Catalo resolveu chamar outro médico e tirar o doente daquele hospital; mas, para isso, necessário seria autorização do operador Taglianeto.

Pedro foi a sua procura e encontrou-o ouvindo missa. Pedida a autorização, negou-a. O fato muito o desabonaria e ao hospital. Pedro Catalo, porém, irritou-se, verberou o procedimento do operador e conseguiu arrancar a autorização e entregar Amor a dois outros médicos.

Estes logo verificaram tratar-se de peritonite aguda; mas, era tarde.

A carta salienta bem a irresponsabilidade, incompetência e desleixo do médico operador, católico, apostólico e romano.

Accentua, ainda, a ação decidida e dedicada de Pedro Catalo, o companheiro sempre sincero, ou, como diz a carta, "um homem com H maiúsculo no seu verdadeiro sentido".

E, a propósito, transcrevemos em seguida as palavras que nos enviou, precisamente, o nosso excelente companheiro Pedro Catalo:

MORREU AMOR SALGUERO

Faleceu, na madrugada do dia 30 de julho, vítima de uma delicada intervenção cirúrgica e, sobretudo, por inépcia do próprio médico operador, o dedicado companheiro Amor Salguero.

Com a morte prematura desse companheiro, perde o movimento libertário de S. Paulo um dos mais ativos e esclarecidos militantes. Amor deixa um vazio difícil de ser preenchido. Sabia ser combativo e tolerante ao mesmo tempo. O seu temperamento sempre cordial desarmava os mais obstinados adversários tornando-os prudentes e respeitosos.

Amor Salguero ingressou no movimento sendo ainda muito jovem e distinguindo-se, em seguida, pelo seu espírito inquieto e organizador. Participou ativamente da campanha a favor de Sacco e Vanzetti e foi, por essa ocasião, 1926, que experimentou a agrura da prisão pela primeira vez. Tinha, então, vinte anos e, de lá para cá, esteve sempre presente em tôdas as iniciativas libertárias, como elemento consciente, operante e orientador. No sindicato em calçados onde, por ocasião do movimento grevista, teve atuação destacada, gozava de grande simpatia e sua ausência será profundamente sentida por todos.

Era anarquista de linhagem pois seu pai morrerá em consequência de surras e espancamentos infligidos pela célebre e famosa guarda civil na Espanha onde militava ativamente na propaganda das idéias anarquistas.

Foi um perda dolorosa para nós, anarquistas de S. Paulo, a morte de Amor Salguero. Era uma alma nobre, um coração simples e um grande companheiro, cuja lembrança será sempre grata e imarcessível para todos nós."

Nós, anarquistas do Rio de Janeiro que de perto conhecíamos Amor Salguero, confirmamos, em tudo, as palavras de Pedro Catalo.

Ainda algumas linhas para focalizar bem o episódio da operação e suas consequências funestas. É geral a queixa dos trabalhadores do Rio contra a desídia, a desorganização, digamos, o relaxamento, a irresponsabilidade nessas casas criadas com o dinheiro dos trabalhadores, mas não administradas por eles. Criações das desastrosas leis trabalhistas, não passam, as aqui pelo menos, de ninhos de empregos. Se calha ser nomeado diretor um médico de elevada moral, caprichoso em tudo e competente, funcionam elas a contento. Porém, muito raramente isso acontece. Poderíamos relatar aqui fatos incríveis e normalíssimos, inclusive uma indústriazinha de remédios obrigatórios e certos processos de burlar regulamentos.

Tudo isso é, repetimos, normalíssimo em qualquer instituição do Estado, esse monstro de mil braços dispostos por indole a colher, torturar e sugar os não possuidores, mas produtores de tudo, em benefício dos possuidores ou seus filhotes. O pior de tudo é que, na organização totalitária que Getúlio deixou e seus pseudo-adversários mantêm cuidadosamente pelo fato mesmo de ser totalitária, não têm os trabalhadores para quem apelar. O órgão único de defesa do trabalhador é seu sindicato, mas se for livre, gerido por ele próprio. Nas mãos do Estado, como se acham todos, em lugar de órgãos de defesa, são órgãos de arrocho.

Amor Salguero foi vítima dessa organização geradora de irresponsáveis e exploradores do esforço alheio. Meditem os trabalhadores do Brasil, especialmente os de S. Paulo, nesse caso de Amor Salguero e, em desforra do seu martírio e seguindo o seu exemplo de lutador, iniciem tenaz campanha pela definitiva libertação dos sindicatos.

Os sindicatos não de ser dirigidos pelos trabalhadores e não pelo Estado.

Seja o nome de Amor Salguero um símbolo para essa redenção.

